

CDU 002:981

## DOCUMENTOS SOBRE O BRASIL NA BIBLIOTECA DA CRACOVIA

J. O. de Meira Penna

Durante a Segunda Guerra Mundial, no período mais furioso dos bombardeios aliados, os nazistas resolveram preservar o precioso acervo da Biblioteca de Berlim, protegendo-o em caixotes num mosteiro perdido das montanhas da Silésia, na atual Polônia. Os caixotes foram encontrados por tropas polonesas, que faziam parte do Exército soviético, ao final da resistência alemã. A origem do conteúdo não era entretanto conhecida, de maneira que, durante muitos anos no pós-guerra, o aludido acervo foi considerado perdido.

No ano passado, foi publicado em Londres, de autoria de Nigel Lewis, um livro intitulado *Paperchase*, "A caça aos papéis", com subtítulo "Mozart, Beethoven, Bach, the search for their lost music" (London, Hamish Hamilton, 1981, 245 p.) De fato, o que havia de mais precioso na Biblioteca prussiana eram manuscritos desses grandes compositores, cuja procura apaixonou os musicólogos de todo o mundo. Foi assim que se iniciou a "caça aos documentos", finalmente triunfante com a sua redescoberta em 1977, na Biblioteca Jagelônica da Universidade da Cracóvia, na Polônia.

Acontece que, entre o tesouro da antiga Biblioteca Real de Berlim, se encontrava uma coleção de documentos do tempo da ocupação holandesa do Brasil. Eram sobretudo documentos de história natural. O Senhor Peter J.

Whitehead, do British Museum de Londres, seção de História Natural, e especializado em ictiologia, estava especialmente interessado na classificação correta de um peixe do Nordeste, o Piquitinga, e tornou-se assim um dos principais colaboradores na procura de uma pintura atribuída ao naturalista holandês Marckgraf, que esteve em Pernambuco. Um musicólogo e estudioso americano, Carleton Sprague-Smith, também muito amigo do Brasil, foi outro dos detetives que contribuíram para a redescoberta do acervo perdido de Berlim. De fato, os famosos caixotes haviam sido levados para a Cracóvia pelas tropas polonesas e só depois de muitos anos seu conteúdo foi identificado. É essa a história fascinante que finalmente veio à luz.

A ocupação holandesa do nordeste do Brasil, no século XVII, sob o governo esclarecido do Príncipe João Maurício Van Nassau-Siegen (muitas vezes confundido, em nosso país, com seu tio Maurício de Nassau, herói da independência dos Países Baixos), representou um período de esplendor cultural. Na verdade, o primeiro que regista nossa história. Acompanhando o príncipe humanista e culto a Pernambuco, vieram artistas e cientistas que transmitiram à Europa os primeiros documentos iconográficos e as primeiras pesquisas antropológicas e de história natural sobre a terra brasileira.

Vale salientar que, naquela época, nenhum estudo de natureza científica importante fora realizado em parte alguma da América, do Norte ou do Sul. Desse modo, o trabalho realizado pelos assessores científicos do Príncipe de Nassau é da maior importância do ponto de vista da história da ciência, por se tratar da primeira investigação metódica de Botânica e Zoologia realizada no continente americano. O naturalista Georg Marckgraf e o médico Wilhelm Pies foram pioneiros, no nordeste brasileiro, da pesquisa científica, contribuindo de maneira decisiva para a história cultural do Brasil.

Na coleção de pinturas e desenhos que João Maurício de Nassau carregou consigo quando voltou à Europa encontram-se cerca de 800 pequenos estudos a óleo, desenhos e aquarela sobre plantas, animais e habitantes do país, coligidos numa obra intitulada *Theatrum Rerum naturalium Brasiliae*. São sete volumes encadernados que se encontram atualmente guardados, conforme acima explicado, na Universidade da Cracóvia.

Quatro desses volumes, com o título acima, encadernados em couro branco, formato 58 x 34 centímetros e datados de 1660, informam no frontispício que foram oferecidos pelo autor ou pelo próprio Príncipe de Nassau ao Grande Eleitor Frederico Guilherme de Brandenburgo. Sua redescoberta se deve ao aludido cientista inglês, P. J. P. Whitehead, e ao Embaixador do Brasil em Berlim, Mário Calábria, que levou o assunto ao conhecimento do Itamaraty em abril de 1979.

O primeiro volume, com o título *Icones Piscium Brasiliae*, contém 375 páginas e a menção "*digestus a Christiano Mentzelio D. MDCLX*", mas nenhuma outra indicação de autoria. São pinturas a óleo, sobre papel grosso, coladas às páginas do livro, e de grande beleza artística e precisão científica. Os nomes indígenas dos peixes são notáveis: pirajeoca, iacarepetimbuaba, piraroba, bajacuape, piraibira, petimbuaba, caramuru, guamaiaçuonara, piaba, acarapitanga, etc. etc. Há muitas páginas vazias, algumas anotações a lápis em holandês com os nomes científicos do animal ou nome vulgar. Há também indícios de que algumas pinturas foram retiradas.

O segundo volume tem o título *Icones Volatiliium* mas, além de pássaros, apresenta também borboletas. Os nomes indígenas são registrados. O terceiro volume, *Icones animalium ab homine ad insecta uso.*, é também o mais interessante. Nele figuram retratos de índios e de negros, inclusive do que parece ser um Ôba africano. Os índios são tapuias e há um retrato de uma *mulier brasiliensis* que é índia, além de um negro albino. Ademais, macacos de Guiné, maracajás, carucuocas, coatis, tamanduás, preguiças, jacarés, tatus, tapires e . . . um elefante! O quarto volume, *Vegetabiliium*, comporta plantas e árvores de grande beleza artística.

Além desses quatro tomos da mesma obra, existem na coleção mais três volumes, sendo dois 38 x 25 com o registo *Libri Pict*, A36-37, com cerca de 350 aquarelas. E um *Miscelanea Cleveri*, A38, 20 x 31, com material vário, bichos, plantas, gente, esboços artísticos, até mesmo um astro, e figuras de asiáticos — japoneses, indonésios, etc. Entretanto, neles estão incluídos 32 desenhos e estudos sobre o Brasil ou assuntos brasileiros. A coleção de sete volumes denominou-se *Libri Picturati*, pela qual é conhecida na Biblioteca. Não obstante os grandes espaços vazios (ou esvaziados) nas três mil e tantas páginas, restam bem umas oitocentas pinturas a óleo, gravuras e desenhos, constituindo um dos mais valiosos acervos artísticos e científicos da história do Brasil colonial.

Tudo indica que se deve atribuir a Albert Eckhout a maior parte das magníficas e meticulosas pinturas de aves, peixes, bichos e gente na coleção — na base de semelhança com o que é conhecido da obra do artista. Alguns dos desenhos do *Libri Picturati* foram usados por Eckhout para seus quadros. O estilo também demonstra semelhança com outras pinturas a óleo do pintor. Seria mais difícil identificar o autor das aquarelas nos três volumes de miscelânea. Os nomes de Franz Post e do próprio Eckhout foram sugeridos pelos entendidos holandeses que examinaram a obra. Existe, porém, a hipótese de Georg Markgraf que, além de astrônomo, cartógrafo e biólogo, era conhecido por sua capacidade e perícia como desenhista — e um dos desenhos na Miscelânea é, justamente, de caráter astronômico. Evidentemente, todas as pinturas e desenhos foram feitas com

grande carinho e meticulosidade científica, indicando o empenho de documentar a fauna, a flora e a antropologia brasileira do tempo da ocupação holandesa. Sobre toda a obra paira o patrocínio esclarecido do príncipe de Nassau. Algumas reproduções desses documentos foram exibidas numa exposição que, em princípios de 1980, se realizou na Mauritzhuus, a residência mandada construir por João Maurício em Haia, ao retornar de sua estada em Pernambuco.

De um modo geral, não se pode menosprezar a importância extraordinária desses documentos, redescobertos após mais de trinta anos de olvido, para a iconografia e a história natural do Brasil, assim como para a história universal da ciência. A coleção e sua possível reprodução através da fotografia em cor se revelam, conseqüentemente, do maior valor para museus, estudiosos, colecionadores e quantos se interessam pela história cultural do Brasil. Nesse sentido, sendo eu Embaixador em Varsóvia no período de dezembro de 1979 a junho de 1981, entrei em contacto com meu amigo e saudoso defensor da cultura brasileira, Aloísio Magalhães, para reintegrar, pelo menos fotograficamente, o acervo na Memória Nacional de que a Fundação por ele organizada é responsável. Fiz então fotografar profissionalmente em filme colorido Agfa (diapositivos) e em branco-e-preto os 800 documentos que foram entregues à Fundação na minha volta ao Brasil. Eles agora se encontram, portanto, sob a responsabilidade daquela Fundação.

Cabe lembrar que existe um Acordo Cultural entre o Brasil e a Polônia, firmado a 19 de outubro de 1961, e cujo artigo 2o. estabelece o seguinte:

Cada Parte Contratante se compromete a estimular a colaboração entre as instituições científicas e de pesquisas, associações e organizações culturais, artísticas, técnicas e educativas de ambos os países.

O intercâmbio de estudantes, cientistas, escritores, jornalistas e artistas será estimulado mediante a organização de visitas, seminários e conferências, assim como será facilitada a troca de informação e documentação científica, cultural e artística.

As fotografias estão sendo, presentemente, estudadas por técnicos da Pró-Memória de maneira a serem identificados todos os documentos existentes em Varsóvia. Façamos votos no sentido de que não somente os entendidos interessados, mas o grande público venha a tomar conhecimento, em breve, dessa que é, possivelmente, a mais valiosa e uma das mais antigas coleções de documentos relativos à história da cultura brasileira.